



METODOLOGIAS DE AVALIAÇÃO NA DISCIPLINA DE GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO

Alexsander Guilherme Back – Universidade Tecnológica Federal do Paraná –
alexander_geo@hotmail.com.
Anderson Santos da Rocha – Universidade Tecnológica Federal do Paraná –
andersonsdr@gmail.com.

Linha de Pesquisa: Avaliação da Aprendizagem

RESUMO

Atualmente um dos pontos de maior discussão acerca de relações existentes, entre professores e alunos, é a de questões comportamentais, afetivas relacionadas à disciplina, respeito, comprometimento, responsabilidades por ambas as partes. No Processo de ensino-aprendizagem o professor deve buscar meandros, onde possa atuar, perante suas turmas de uma maneira eficaz, e que satisfaça as expectativas por parte dos alunos. Mas os alunos em se tratando de comportamento também deveriam repensar seus conceitos. Haja vista que é o aluno que necessita do professor e esse está lá não somente para repassar conteúdos, mas buscar transformar os alunos em cidadãos críticos e não somente recipientes de elementos curriculares. Esse é o ponto principal da discussão por nós tratada a Avaliação da Aprendizagem no Ensino de Geografia. Analisando o que autores conceituados mostram sobre a temática abordada e buscando caminhos para melhores explicações a respeito com intuito de mostrar e/ou objetivar os componentes existentes.

Palavras chave: Professor; Alunos; Avaliação; Geografia

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa um ponto fundamental as metodologias de avaliação do/no Ensino de Geografia no Ensino Médio, concerne a avaliação tradicional ainda utilizada por muitos docentes nos dias atuais, contraponto a avaliação inovadora.

Além das leis que norteiam a Educação, bem como os mecanismos de avaliação. Diferentes formas de avaliar e de avaliar-se nos dias atuais e como

a atual conjuntura da Educação está vinculada a diferentes mecanismos. De acordo com as Diretrizes Curriculares para Formação de Professores (Brasil, 2002, p. 8), “não basta a um profissional ter conhecimentos sobre seu trabalho, é fundamental que saiba mobilizar esses conhecimentos transformando-os em ação”. A competência pedagógica, por exemplo, para ensinar define-se, portanto, pela capacidade de mobilizar apropriadamente conhecimentos em situações profissionais, utilizando-se de metodologias que possibilitem ao graduando estabelecer relações entre o corpo teórico e a prática.

Há a necessidade de pesquisa e ação sobre os diferentes meios de avaliação e de como se configura os estabelecimentos de Ensino em nosso país, pois a temática abordada é um dos enfoques referentes a educação como um tudo norteador de nossos dias. Cumpre destacar a importância da Avaliação e planejamento no processo de ensino-aprendizagem do e no Ensino Médio. O que autores de renome destacam sobre a temática e de próprio punho sobre essa indagação.

Além de apontar diferentes formas de avaliar como forma norteadora um dos pontos é a utilização do seminário como forma avaliativa que faz com que o aluno pesquise e aprenda a apreender, e não se torne um simples receptor de informações, pois, estas estão presentes em todos os lugares como a internet por exemplo, mas que o professor seja um mediador nesse processo de ensino-aprendizagem que possibilite aos educandos como filtrar seu conhecimento.

Apoiado nessa ideia de o professor como agente transformador e tradicional de mentes pensantes e não somente receptores de informações, buscamos mostrar a importância de metodologias de avaliação no Ensino Médio, não somente como mecanismo de atribuição de notas ao final de determinados períodos, mas de uma ferramenta que proporcione aos educadores e aos educandos objetivos alcançados.

A avaliação está sempre presente nas atividades humanas, uma vez que, se está constantemente estabelecendo comparações entre coisas e valores diferentes (ou semelhantes), obrigando as pessoas a fazerem

escolhas, nem sempre fáceis. Dentro do ambiente educacional não é diferente, a avaliação ocupa lugar de destaque, sendo que além dos alunos, os professores as instituições também são avaliados.

A diversidade de conceituações e as práticas de avaliação descritas neste presente artigo, surgiram dos variados conhecimentos e visões de mundo de seus autores e resultaram em diferentes orientações filosóficas e metodológicas. Essas múltiplas definições levaram os autores a propor concepções, métodos de coleta de dados e análise de técnicas interpretativas diferenciadas, que se apresentam ao longo desse estudo, enquanto se busca identificar nelas as possibilidades de conflito e/ou de articulação entre si.

As diferentes modalidades e tendências da avaliação têm sofrido a influência da evolução histórica das teorias educacionais. Conseqüentemente, as perspectivas filosóficas, educacionais e políticas dos investigadores influenciaram, ao longo dos anos, as diferentes concepções e definições de avaliação.

Para a maioria a avaliação significa provas e/ou notas. Uma vez que estas provas têm por finalidade verificar a aquisição de conhecimentos, a memorização é um aspecto frequentemente focado. Assim, na avaliação aqui identificada com a prova exige-se que os conteúdos acadêmicos sejam decorados a partir daqueles transmitidos pelo professor. Ressaltam ainda que a maioria estuda para fazer provas, às vezes apenas às vésperas da mesma, não buscando uma efetiva compreensão dos conteúdos ensinados. Destacam que tentam memorizar apenas o conteúdo que vai ser solicitado na prova atestando que, logo após, tal conteúdo é esquecido. Ao mesmo tempo percebem a inutilidade desta estratégia de memorização e deste hábito de estudar apenas para a prova.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Muitos estudos têm possibilitado um repensar de nossas práticas, contudo, nos deparamos com a dificuldade de o professor empregar modelos inovadores, devido principalmente ao fato de não ter vivenciado em sua

trajetória acadêmica esse processo, pois muitos foram formados em paradigmas tradicionais, onde prevalecia a conservação, a transmissão e a avaliação classificatória em momentos pontuais.

[...] identifica certas características do aprendiz e faz um balanço, certamente mais ou menos aprofundado, de seus pontos fortes e fracos. A avaliação [...] tem a função de permitir um ajuste recíproco aprendiz/programa de estudos (seja pela modificação do programa, que será adaptado aos aprendizes, seja pela orientação dos aprendizes para subsistemas de formação mais adaptados a seus conhecimentos e competências atuais) (HADJI, 2001, p.19).

Essa identificação deixa clara a importância da avaliação, novamente, mas a busca por diferentes meios é que faz da avaliação um mecanismo de complexidade grande. Pois, dever-se-ia contemplar todos os educandos, mas nem sempre é assim devido a fatores como a falta de tempo hábil, despreparo, displicência e falta de experiência entre outros.

De acordo com Vesentini et al. (1989, p. 163) “mas a escola como instituição e o sistema escolar como estrutura ligada ao Estado, com obrigatoriedade até uma certa idade, com fiscalização de conteúdos e procedimentos burocráticos, com uma hierarquia de níveis de ensino, com uma verdade”, preestabelecida pelos órgãos oficiais e transmitida pelos professores.

As seguintes citações remontam ideias de inovação e/ou tradição, mas qual devemos seguir? Buscar o novo é importante mas utilizar o tradicional é necessário pela atual conjuntura do Ensino de Geografia, mas as justificativas apontadas são meios para que possamos repensar nossas metodologias e formas de avaliar as diferentes realidades existentes em nossos dias.

[...] aprender a desaprender muitas rotinas cognitivas e a rever muitas atitudes e comportamentos para aprender e

empreender de uma maneira distinta. O que implique que alunos e professores têm necessidade de limpar os seus “discos duros” de muitos conhecimentos e rotinas inúteis que apenas ocupam memória para ficarem mais livres e disponíveis a fim de processarem mais fácil e eficazmente os novos conhecimentos e construir uma visão diferente da realidade.

[...] o professor, que será informado dos efeitos reais de seu trabalho pedagógico poderá regular sua ação a partir disso. O aluno, que não somente saberá onde anda, mas poderá tomar consciência das dificuldades que encontra e tornar-se-á capaz, na melhor das hipóteses, de reconhecer e corrigir ele próprio os seus erros (HADJI, 2001, p. 20).

[...] se relaciona mais ao produto demonstrado pelo aluno em situações previamente estipuladas e definidas pelo professor, e se materializa na nota, objeto de desejo e sofrimento dos alunos, de suas famílias e até do próprio professor. Predomina nessa lógica o viés burocrático que empobrece a aprendizagem, estimulando ações didáticas voltadas para o controle das atividades exercidas pelo aluno, mas não necessariamente geradoras de conhecimento (PERRENOUD, 1999, p. 173).

Contudo, cabe registrar que no Estabelecimento de Ensino que procure desenvolver estratégias para que o aluno possa aprender a pensar, aprender a aprender, aprender a estudar, ensinar e aprender a aplicar o que foi aprendido, assim colaboramos com a construção do pensamento complexo. Desenvolvendo o espírito de indagação, podemos caminhar no sentido da metacognição, ou seja, o aluno aprende a conhecer e controlar seus próprios saberes (Torres, 2004). A chamada práxis, temida por muitos educadores mas almejada pelos educandos, é um dos métodos de ensino que melhora o ensino-aprendizagem e a avaliação.

A educação passa por uma crise sem precedentes na História. Os alunos estão alienados, não se concentram, não têm prazer em aprender e são ansiosos. De quem é a culpa? Dos alunos ou dos pais? Dos professores? Nem de uns nem dos outros. As causas são mais profundas. As causas principais são frutos do sistema social que estimulou de maneira assustadora os fenômenos que constroem os pensamentos (CURY. 2003, p: 28, 29 e 30).

Os educadores, apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim, todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos.

A avaliação está sempre presente nas atividades humanas, uma vez que, se está constantemente estabelecendo comparações entre coisas e valores diferentes (ou semelhantes), obrigando as pessoas a fazerem escolhas, nem sempre fáceis. Dentro do ambiente educacional não é diferente, a avaliação ocupa lugar de destaque, sendo que além dos alunos, os professores as instituições também são avaliados.

Durante muito tempo a avaliação foi vista sob o ponto de vista essencialmente técnico e, em outros momentos, passou-se a adotar metodologias de cunho mais qualitativo. Nos últimos tempos passa-se, nitidamente, para um posicionamento mais híbrido em que coexistem abordagens avaliativas marcadas pelos paradigmas quantitativos versus qualitativos.

Como cita Freitas (1995):

“A avaliação não se restringe a instrumentos de medição, mas acaba sendo configurada como instrumento de controle disciplinar, de aferição de atitudes e valores dos alunos” (FREITAS, 1995, p.63)

Vasconcelos (1998), se refere ao processo avaliativo em sentido amplo:

“A Avaliação deve ser um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática no sentido de captar seus avanços e possibilitar uma tomada de decisões, acompanhando a pessoa em seu processo de crescimento” (VASCONCELOS, 1998, p.43).

Em termos gerais avaliação abre um leque de discussões acerca de como? Porquê? Onde? Para quem? Em suma avaliar é o ato de buscar resultados para os objetivos, que possibilitem aos educandos e aos educadores principalmente, uma nova visão para essa temática tão importante que permeia nossos dias. E que possa subsidiar inovadores e tradicionais educadores.

Na condução dos seminários, é possível perceber a relação entre o ato de ensinar, aprender, pesquisar e avaliar, constitutivos do processo didático: concomitantemente se ensina e se aprende o conhecimento já existente, mas também se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente.

Uma das repercussões do seminário refere-se à “capacidade de pesquisa, análise, de interpretação e de síntese dos alunos, por meio tanto do exercício da oralidade quanto da sistematização escrita de sua reflexão [...] fortalece e amplia as formas de interação do aluno com o saber, com seus colegas e com o professor”. (FARIAS, 2009, p.140).

No entanto, no seminário, o professor é um diretor do trabalho, não é o seu executante. Quando se estabelece o diálogo, o seu papel é o de vigiar e orientar a sua evolução, intervindo apenas para formular com maior exatidão os problemas descobertos pelos alunos ou para encaminhar a discussão para outros campos. É uma tarefa essencialmente orientadora.

Em linhas gerais, o seminário é “uma técnica de ensino socializado, na qual os alunos se reúnem em grupo com o objetivo de estudar, investigar, um ou mais temas, sob a direção do professor”. (VEIGA, 1991, p.110).

Talvez valorizar na pedagogia atual os ensinamentos que provêm do simpósio grego permita-nos compreender que o processo de aprendizagem não termina nunca: “quanto mais se avança, mais se desvendam coisas a desvendar” (De Masi, 2008, p.117). Em cada seminário, ainda há muito para ensinar e aprender.

Freire tem trazido sua palavra para nos dizer que ensinar exige disponibilidade para o diálogo (1996, p.152) no sentido de testemunhar a abertura aos outros meandros.

Além destes aspectos, os alunos também acreditam que a qualidade da instrução aumenta quando a avaliação é vista como um instrumento de ensino, sendo feita na forma de observações contínuas, elaboração de "papers" e questões de ensaio. Embora as observações possam ser questionadas enquanto procedimento de avaliação por serem, muitas vezes, casuais e subjetivas, os estudantes consideram que, quando parte de um processo contínuo, permite a reunião de dados cada vez mais consistentes e precisos a respeito do progresso dos alunos. Para os estudantes, inclusive, tais dados podem ser colocados em discussão aberta com os próprios discentes.

Neste processo, o "feedback", ou seja, a informação dada ao estudante a respeito da qualidade do seu desempenho (conhecimento dos resultados) é fundamental. Em muitas situações de ensino, no entanto, o estudante produz trabalhos que não podem ser avaliados simplesmente como corretos ou incorretos. Neste caso, o "feedback" requerido deve ser entendido dentro de uma concepção mais ampla, que exige que o professor determine a qualidade do trabalho desenvolvido pelo aluno, a partir de um processo de julgamento que envolve: conhecimento do padrão ou objetivo a ser atingido, habilidade para estabelecer múltiplos critérios comparativos e o desenvolvimento de caminhos que reduzam a discrepância entre o que é produzido pelo aluno e o que foi proposto.

No entanto, é comum que professores iniciantes adotem estratégias de avaliação inspirados em alguns de seus docentes preferidos as quais podem, ou não, avaliar o que eles querem realmente verificar. Embora a sua intenção fosse testar a habilidade dos alunos na aplicação da informação.

A falta de coordenação entre o que é realmente aprendido e o que é testado acaba passando para o aluno a ideia de que as provas e/ou exames não testam (avaliam) o que eles realmente aprenderam em sala de aula.

Em Brito (1984) os depoimentos dos alunos demonstram que, para eles, a avaliação apresenta-se como medida, prova, verificação da aprendizagem e verificação do conhecimento.

Para a maioria a avaliação significa provas e/ou notas. Uma vez que estas provas têm por finalidade verificar a aquisição de conhecimentos, a memorização é um aspecto frequentemente focado. Assim, na avaliação aqui identificada com a prova exige-se que os conteúdos acadêmicos sejam decorados a partir daqueles transmitidos pelo professor. Ressaltam ainda que a maioria estuda para fazer provas, às vezes apenas às vésperas da mesma, não buscando uma efetiva compreensão dos conteúdos ensinados. Destacam que tentam memorizar apenas o conteúdo que vai ser solicitado na prova atestando que, logo após, tal conteúdo é esquecido. Ao mesmo tempo percebem a inutilidade desta estratégia de memorização e deste hábito de estudar apenas para a prova.

A diversidade de conceituações e as práticas de avaliação descritas neste presente artigo, surgiram dos variados conhecimentos e visões de mundo de seus autores e resultaram em diferentes orientações filosóficas e metodológicas. Essas múltiplas definições levaram os autores a propor concepções, métodos de coleta de dados e análise de técnicas interpretativas diferenciadas, que se apresentam ao longo desse estudo, enquanto se busca identificar nelas as possibilidades de conflito e/ou de articulação entre si.

A Avaliação deve ser um dos mecanismos utilizado pelos docentes que permeiam o Ensino, em se tratando de metodologias fica as dicas

anteriormente mencionadas. Um dos pontos de destaque é o seminário forma de avaliação mais democrática que todos os elementos do ensino-aprendizagem constituem-se como parte de um objetivo alcançado.

Tendo um grande enfoque na atuação do professor em sala de aula, observando muitas a relações entre professores/alunos, que hoje, com certeza, é o maior problema quando se aborda assuntos relacionados a docente e educandos.

Alunos muitas vezes são submetidos a estudar por livre e espontânea obrigação de seus pais, não por livre arbítrio, mas existem muitas exceções de alunos que vão a estabelecimento de ensino para aprender e construir um futuro brilhante. O que poderia diferir no Ensino com a ascensão do educando se desse por diferentes formas e/ou ambições e não por obrigação.

O ato de aprender sempre pressupõe uma relação com outra pessoa, a que ensina. Não há ensino sem professor. Até mesmo autodidatismo supõe a figura imaginada de alguém que está transmitindo, através de um livro, por exemplo, aquele saber. E no caso de haver sequer um livro ensinando, o aprender como descoberta aparentemente espontâneo supõe um diálogo interior entre o aprendiz e alguma figura qualquer, imaginária por ele, que possa servir de suporte para esse diálogo.

Nidelcoff (1993, p 30), afirma que:

[...] Certamente, como já vimos, a visão que se tem da escola depende da concepção que se atenha do homem e da interpretação que se faça do momento histórico em que vivemos. Porém, se chega a ver o homem como um ser criativo que se realiza na medida em que, com sua ação e em comunhão com os demais homens, faz a sociedade avançar, percebe-se claramente que ajudar as crianças a tomar consciência do aqui e agora no qual estão convocadas para criar a expressar-se, passa a ser não apenas a tarefa

fundamental da escola, mas aquilo que a justifica como instituição. Todos os outros ensinamentos teriam sentido na medida em que contribuíssem para este fundamento [...] (NIDELCOFF, 1993, P.30).

De acordo com Faleiro (1999):

[...] Os projetos familiares e os desejos dos pais, quando não são bem elaborados, podem constituir-se em violência psicológica. Crianças e adolescentes são muitas vezes forçados a realizar projetos familiares quanto à profissão a seguir ou usados como objeto de chantagem nas brigas de casais. Interferem também na violência psicológica as situações de alcoolismo, de ciúme e de vingança. Assim, é preciso construir uma intervenção em redes, levando-se em conta as relações das crianças e dos adolescentes com todos os adultos que os cercam [...] (FALEIRO, 1999, p 74).

O professor precisa sempre se aperfeiçoar e estar atualizado quanto ao processo e desenvolvimento do ensino, pois o educador que após concluir o curso de graduação abandonar os livros e o aperfeiçoamento estará levado a frustração e ao fracasso profissional e o pior que isso ele fará de seus alunos vítimas de seu fracasso.

O profissional da educação tem de estar atento à realidade de seus alunos, devendo este desenvolver seus conteúdos teóricos, relacionados ao dia a dia de seus alunos, isso trará com certeza um melhor desempenho seus e um melhor aprendizado a seus alunos.

A valorização do educador é a parte fundamental de todo o processo educacional, pelo fato de que o educador bem valorizado, certamente se sentirá estimulado a cada vez mais se aprofundar no conhecimento, buscando

novos meios e técnicas de ensinar. O professor bem valorizado certamente será um ótimo profissional e dará aos seus alunos um bom conhecimento, fazendo com que estes possam criar assim o seu próprio crescimento do saber, tanto intelectual, quanto pessoal, e futuramente profissional.

“É na escola que parte do processo de conscientização ou não conscientização se desenvolve, todas as disciplinas têm papel a desempenhadas nesse processo.” (OLIVEIRA et al, 2003, p 143).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O questionário (anexo 1) foi aplicado nos colégios estaduais: Barão do Rio Branco Ensino Fundamental, Médio e Profissionalizante, Costa e Silva Ensino Fundamental, Médio e EJA, Tarquínio Santos Ensino Fundamental e Médio e Carmelitas de Sousa Ensino Fundamental, Médio e EJA, em Foz do Iguaçu Paraná nos bairros seguindo a ordem anterior dos colégios estaduais (Centro, Jardim América, Vila Iolanda e Porto Belo). O questionário foi aplicado nos meses de agosto e setembro de 2015 a professores do Quadro Próprio do Magistério (QPM) e PSS (Processo Seletivo Simplificado) estes atuando no Ensino Médio e Fundamental, a pesquisa foi específica para profissionais da Educação do ensino de Geografia no Ensino Médio. Que expressou os seguintes resultados.

Dos doze professores(as) entrevistados, 75 por cento utilizam em suas práticas pedagógicas os Seminários, sendo que expressam forte empatia por parte dos educandos com essa prática. Avaliação Tradicional expõe 83,3% dos pesquisados mesmo percentual de uma boa relação professor – aluno em suas práticas de avaliação no Ensino Médio.

Já a utilização de Redes Sociais para práticas de avaliação gira em torno de 8,3 por cento, ou seja, somente um professor utiliza as redes sócias para avaliar os educandos. Outro ponto de destaque é a utilização da Avaliação Inovadora: “São apresentados algumas práticas de avaliação inovadoras como possibilidades ao alcance de qualquer docente comprometido com as aprendizagens de seus alunos. Por exemplo o processo comunicacional da

avaliação, o diálogo com crianças e adolescentes, portfólios eletrônicos” (Boas 2011), conta com 16,7% dos entrevistados. Além de 58,3% dos pesquisados dizem utilizar de auto – avaliação e da práxis em suas práticas pedagógicas.

Cinquenta por cento dos entrevistados utilizam algum tipo de tecnologia em sala de aula para suas práticas pedagógicas, e que poderia ser ampliada, se tivessem maior investimentos educacionais. E cem por cento dos professores que participaram da pesquisa utilizam e preferem a avaliação contínua e/ou continuada em suas práticas pedagógicas de avaliação. Segue a tabela a baixo para expressar as significações da pesquisa.

Em se tratando das questões 2 (dois) e três (3) respectivamente: Quais seriam seus argumentos para “defender” a Avaliação Tradicional? 83,3 por cento dos professores defenderam a atual forma de avaliar como sendo ainda tradicional e que ainda a fazem devido a falta de mecanismos que propiciem uma avaliação diversificada e/ou inovadora, por estar presentes em todos os níveis de ensino em nosso país. E a questão três: Como seria uma Avaliação Inovadora na sua opinião? Expressam que da forma da atual conjuntura educacional com os mecanismos ainda presentes fica difícil de implementar uma vez que para tal dever-se-ia contemplar não somente provas/exames mas de uma forma diversificada buscando do conhecimento dos educandos para o científico dos professores, maior uso de seminários, uso mais aplicado em sala de aula das novas tecnologias, essas para fins pedagógicos “o uso de celulares é um problema em sala de aula pois é muito mais atrativo do que nossas aulas mas poderíamos trabalhar com isso mas é uma dificuldade a mais.” (Professores entrevistados).

Outro dado analisado foi a importância da avaliação uma vez que expressa a ideia de magnitude de um final de período e que contempla a capacidade de assimilação de conteúdos estes objetivos e/ou dissertativos podem incorporar ou não o bom trabalho dos professores em sala de aula, e que também mostra a ideia do quanto os alunos estudam, para esses exames/provas. Em suma as metodologias de avaliação no ensino de geografia contempla muitos caminhos que podem mostrar ou não novos rumos para os educadores e alunos como um todo invólucro, constituintes.

Outra ênfase que expressa as metodologias de avaliação é a do uso de mecanismos extraclasse tarefas que muitas vezes não são realizadas pelos alunos em se tratando de geografia, o que leva a não utilização dessa metodologia por parte dos doze professores entrevistados.

TABELA 1: Metodologias de Avaliação no Ensino Médio

Respostas	Professores	
	Nº	%
Avaliação tradicional	10	83,3
Avaliação Inovadora	2	16,7
Práxis e Auto – Avaliação	7	58,3
Seminários	9	75
Relação Professor – Aluno: Boa	10	83,3
Tecnologia em sala de aula	6	50
Redes sociais para avaliação	1	8,3
Avaliação Contínua ou Continuada	12	100
TOTAL	12	100

Fonte: Resultado da pesquisa realizada em 2015 com Professores dos Colégios Estaduais: Tarquínio Santos; Barão do Rio Branco; Costa e Silva; Carmelitas de Sousa Foz do Iguaçu/PR

Outros meandros (caminhos) para as metodologias de avaliação no ensino de geografia no Ensino Médio seriam a implementação de melhores equipamentos tecnológicos e também a formação dos profissionais da educação e está continuada. Além de ampliar o tempo de preparo das aulas (hora atividade), para poder utilizar novos meios de avaliação e de poder pesquisar mais, preparar melhor as aulas com mais ênfase em mecanismos de avaliação inovadoras.

Outras capacidades ainda mensuradas pelos dados foi o melhor desempenho por parte dos colegas profissionais em uma inter e multidisciplinaridade que contemple todos os mecanismos da educação e um

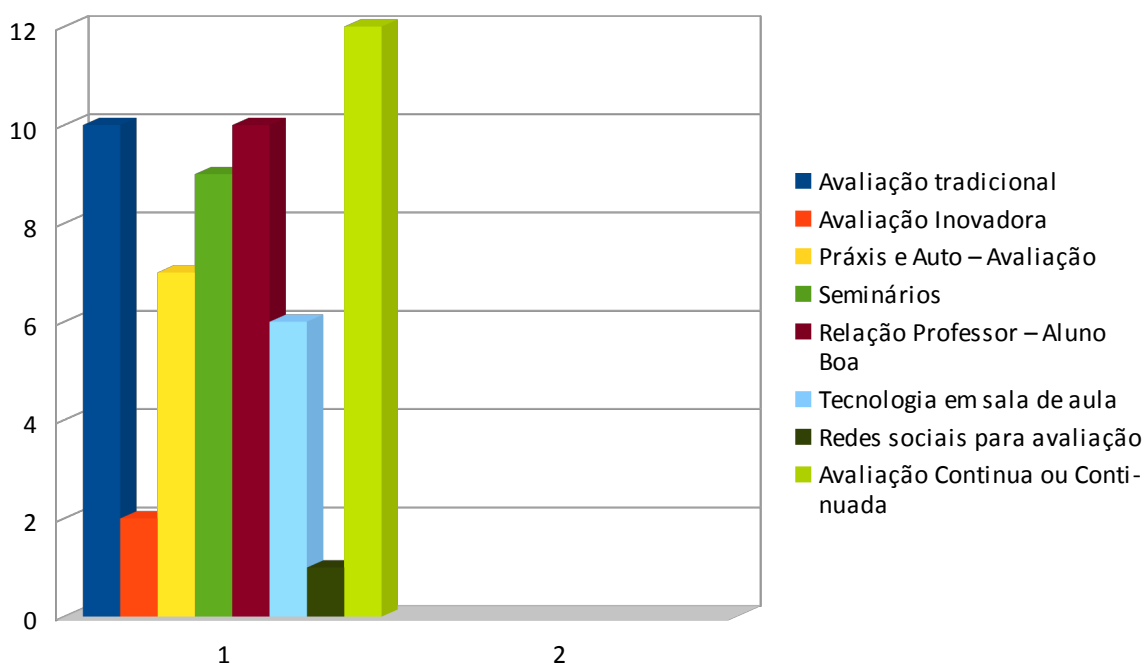
maior empenho por parte dos educandos que por ser uma “obrigação” vir para a “escola” acabam coibindo também novas práticas metodológicas pedagógicas.

QUADRO 1: Pensamento dos professores sobre

Resposta dada	Quantos professores deram esta resposta
Gostaria de inovar (Avaliação Inovadora), mas os atuais meios para dar aula dificultam muito	10
Redes sociais para avaliação é utilizada mas não para avaliação dos discentes	12
Gostaria de utilizar mais tecnologia em sala de aula mas como sempre têm problemas fica difícil	12

Fonte: Dados colhidos pelo autor (2015).

GRÁFICO 1: Análise dos Dados



Fonte: Fonte: Dados colhidos pelo autor (2015).

O gráfico à cima mostra os pontos da pesquisa como a utilização da Avaliação Tradicional, a Avaliação Inovadora, o uso de Seminários, de Auto – Avaliação, a Práxis (Teoria x Prática). Utilização de Redes Sociais para práticas de avaliação, bem como o uso de Tecnologias em sala de aula. Também a Avaliação contínua, além de que se a relação com os educandos é boa.

A avaliação articulada a uma proposta pedagógica que visa o desenvolvimento pleno da pessoa e preparo para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho, buscando diagnosticar para o planejar ações e procedimentos visando a transformação, a consciência e o esforço da coletividade escolar. O erro hoje apresenta uma nova concepção, configurando-se como um item positivo dentro do processo de avaliação contemporânea.

Torna-se possível a prática da avaliação inovadora, que deve ser concebida como mais uma ferramenta de apoio e acompanhamento da aprendizagem escolar, direcionando a prática pedagógica e beneficiando a característica peculiar de aprendizagem de cada um dos envolvidos no processo de ensino. Na educação, é importante a adoção de um processo que respeite o ritmo de desenvolvimento e aquisição de conhecimento dos educandos e que privilegie as habilidades específicas de cada indivíduo.

Avaliar é julgar o grau de aceitabilidade do que foi descrito no ambiente escolar, ou seja, é promover um referencial capaz de nortear as mudanças que necessitam ser realizadas nesse contexto. Assim, sugerimos uma abordagem reflexiva sobre o processo de avaliação da aprendizagem na contemporaneidade, para repensarmos numa escola melhor, mais justa e humana. O que leva professores(as) há não utilização de metodologias de avaliação inovadoras? São várias as respostas por meio da pesquisa aplicada, falta de tempo para pesquisas para aplicar essas metodologias, a não aceitação por parte dos educandos ainda engendrados em conceitos metodológicos avaliativos ainda tradicionais, busca por iniciativas científicas nessas áreas de atuação, falta de tecnologias em sala de aula e nas instituições de ensino, falta de complacência dos educandos, entre outros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das melhores formas de se analisar o processo constitutivo desse presente artigo é a busca por relações existentes entre Avaliação no e do Ensino Médio além da relação entre os professores e os alunos. Tendo em vista que para se alcançar os objetivos de ensino em Colégios, Escolas e outros meios institucionais de Ensino, deve-se pensar como um todo relevante, já que para este, não é somente o professor ou os alunos os culpados pela educação defasada brasileira, por assim dizer. Mas todo o invólucro.

O presente trabalho não tem um âmbito de receita pedagógica ou reformista anteriormente mencionado, mas uma análise crítico reflexiva dos parâmetros que norteiam a temática abordada. A ênfase dada por nós foi a propriamente dita “Metodologias de Avaliação em Geografia no Ensino Médio. Comparando obras de autores conceituados que escrevem sobre o mesmo assunto, mas com diferentes enfoques que é óbvio.

Avaliação é um dos temas de maior destaque em nossos dias devido à complexidade do tema. Haja vista de terminologias tradicionais que ainda são ainda muito utilizados, na maioria das vezes pela falta de incentivos dos meios detentores do “poder” por assim dizer. Devido à inflexibilidade de transformação das metodologias de avaliar e avaliar-se dos docentes ainda tradicionais que estão ainda presentes em nossos dias.

Em conclusão acerca de ideias que serão formuladas posteriormente a leitura da presente monografia. Além de que a temática é um assunto amplo com várias ramificações. Que para futuros trabalhos fique um pouco de embasamento. Completando, que as relações entre professores e alunos e a Avaliação de Geografia no Ensino Médio, se torne melhor que a vigente, para ambos os lados constitutivos.

REFERÊNCIAS

BOAS, Vilas C. Maria Violeta. **Educação: reflexões de uma prática**. Ed. Urj, RJ, 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/Constituicoes_Brasileiras/constituicao1988.html. Acesso em: Mai. 2015.

BRITO, M. R. F. de. **Uma análise fenomenológica da avaliação**. São Paulo, 1984. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CURY. Augusto Jorge, **Pais brilhantes, professores fascinantes**: Augusto Cury, Rio de Janeiro : Sextante. 2003

DE MASI, Domênico. **Diálogos criativos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

FALEIROS, Vicente de Paula. **Políticas públicas e educação: aspectos teórico-ideológicos e socioeconômicos**. Acta Scientiarum. Education. Maringá, v. 32, n. 2, 1999.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de [et al.] **Didática e docência: aprendendo a profissão**. Brasília: Liber Livro, 2009.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Crítica da Organização do Trabalho pedagógico e da Didática**. 7ª Ed. Campinas – SP, Papirus Editora, 1995.

FREITAS (website Luiz Carlos de Freitas, 15/05/2015).

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra.1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HADJI, Charles. **A avaliação desmistificada**. Porto Alegre: ArtMed, 2001.

LDB - **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Saraiva, 1996.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

LIBÂNEO, José Carlos, **Didática**, São Paulo: Editora Cortez, 1994.

NIDELCOFF, M. T. **A escola e a compreensão da realidade**. São Paulo: Editora brasiliense, 1993.

OLIVEIRA, João Ferreira de; FONSECA, Marília (orgs.). **Avaliação Institucional: sinais e práticas**. São Paulo: Xamã, 2008.

OLIVEIRA, Ariovaldo, et al, **Para onde vai o ensino de geografia?**, São Paulo: Editora: Contexto, 2003.

PERRENOUD, Phillipe . **Escola e Cidadania: O papel da escola na formação para a democracia**. Porto Alegre, Artmed, 2005.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

TORRES, Rosa María. **Repetência Escolar: falha do aluno ou falha do sistema**. In: MARCHESI, Álvaro; GIL, Carlos Hernández & Colaboradores. **Fracasso Escolar: uma perspectiva multicultural**. Porto Alegre: Artmed, 2004, p 34-42.

VASCONCELOS, Celso dos S. **Concepção Dialética-Libertadora do processo de Avaliação Escolar**. São Paulo, Libertad, 1994.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Para vai o professor? Resgate do professor como sujeito de transformação**. 10ª ed. São Paulo: Libertad, 2003.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **O seminário como técnica de ensino socializado**. In:

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org). **Técnicas de ensino: por que não?** Campinas: 2002

VESENTINI, José, William, et al, **Geografia e ensino: Textos críticos**, São Paulo: Editora: Papyrus, 1989.

VIGOTSKY, Levi. **Ciclo da Aprendizagem**: Revista Escola, ed. 160, Fundação Victor Civita, São Paulo, 2003.

ZAGURY, Tânia, **O Professor refém: para pais e professores entenderem porque fracassa a educação no Brasil**, Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

ANEXO 1
QUESTIONÁRIO DESTINADO À PROFESSORES (AS) DE GEOGRAFIA
DO/NO ENSINO MÉDIO

Instituição de Ensino: _____

1. Assinale a alternativa que mais agrega utilização na sua prática pedagógica.

- a) Avaliação tradicional
- b) Avaliação Inovadora
- c) Avaliação Continua

2. Quais seriam seus argumentos para “defender” a Avaliação Tradicional?

3. Como seria uma Avaliação Inovadora na sua opinião?

4. Referente a Avaliação Continua ou continuada, como pode ser analisado em se tratando de sua prática pedagógica?

5. Você utiliza em sua prática pedagógica os Seminários como metodologia de avaliação? Se utilizar, disserte sobre os prós e contras analisados por você na sua prática.

6. Você analisa que a Avaliação da Aprendizagem é um dos fatores de maior discussão na atualidade?

- a) Sim
- b) Não
- c) Prefiro não opinar.

7) Referente as tecnologias informacionais você utiliza em sala de aula em suas metodologias de avaliação?

- a) Sim
- b) Não
- c) Não há disponibilidade

8) Redes Sociais você utiliza com seus alunos para avaliá-los?

- a) Sim
- b) Não
- c) Prefiro não opinar

9) Como é sua relação com os alunos nos processos avaliativos empregados?

10) Você utiliza a chamada Práxis e Auto – Avaliação com seus educandos? Como seria esses procedimentos na sua opinião?